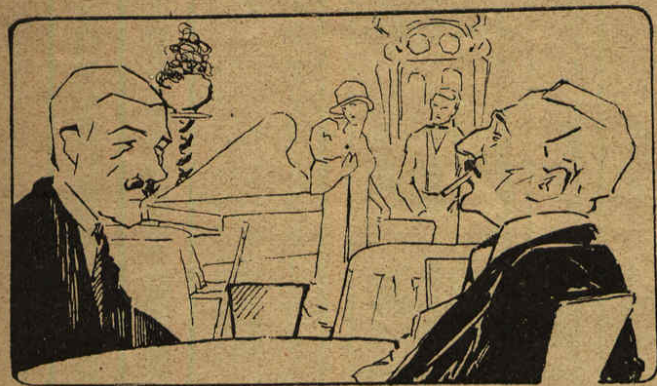




Dialogos de Urbano e Silvestre

Urbano. — Tenho pensado muitas vezes naquele recanto discreto, junto ao pombal, à sombra das carvalheiras seculares e perto do fio d'água eternamente fresca. Ali te levam as cartas da cidade, os jornais, as revistas, os livros, o cisco das paixões e das ideias, vindas dos quatro cantos da terra. Tenho sempre sede daquela água e daquela sombra dormiente. Quando passa um automóvel, na estrada, parece ir rolando longe, no cabo do mundo...

Silvestre. — Faltam-te lá os confortos medianos da cidade: a água encanada, o *tub*, o autoclismo, um «Mercedes», a biblioteca do 202 e o «maple» que aparece sempre nas crônicas inegantes do Dantas. Vocês, os hipercivilizados, suspiram, na capital endemoinhada, pelo idílio campestre, com uns apetites súbitos e violentos, que lembram muito os das mulheres grávidas. Ora a vida, no campo, é uma constante lição de simplicidade. A alegria da água desnevada, o silêncio magestoso do céu, mal ferido, de quando em quando, por uma asa, a erva maneirinha, o arbusto rasteiro e essas árvores, como as carvalheiras do retiro, em cuja epiderme dura há rugas de duzentos anos, insinuam-nos no espírito uma infinita ternura, uma dulcíssima pacificação... Mesmo nos dias de tempestade, os corações buscam a hora da bonança; e, quando a ventania e os relâmpagos passaram, e o verniz da folhagem parece repuxado como o scintilar dum metal bem brunido, sobre os espíritos recái também o orvalhado bálsamo da resignação e até da renúncia... Santa simplicidade! diz a voz inefável dos seres e das cousas, com que a natureza fecha todas as chagas da civilização e do orgulho...

Urbano. — Tu vives sempre lá e talvez não te andem constantemente na alma os pensamentos teimosos que, no campo, me enevoam de melancolia. No campo, e ainda mais junto do mar. É o sentimento do efêmero, do inútil, do incoerente e in-

coercível da existência humana. Obsidia-me a estranheza de viver um instante entre duas eternidades e de ser, para mim, o centro de todo o universo, o que, ao mesmo tempo, me isola numa solidão pavorosa e me integra na comunhão indestrutível de todas as aparências criadas e coadas pelos meus sentidos. Mas, já que nasci, e não vejo vantagem, mas só inconvenientes graves, em me suicidar, faltando-me mesmo as razões e a coragem para isso; e já que a maquinaria do meu ser, como a de um relógio de mil rubis, com os ponteiros grandes do coração e do cérebro, no mostrador maior, o ponteiro buliçoso das imagens ligeiras no mostrador minúsculo e corda garantida para sessenta anos — já que essa maquinaria infernal e divina, cuja chama fez de Prometeu um ladrão, me vai empurrando, involuntária e surratemente, do berço ao túmulo, — aceitemos com elegância moral o fardo delicioso e traiçoeiro da vida, hasteando a flâmula do idealismo...

Silvestre. — ... Enquanto escutava a tua filosofia fácil de *dilettante*, demos conosco, do Rossio, no largo das Duas Igrejas. Eu não me descuidei, apesar de tudo. Vim metendo o nariz em todas as casas de chá. A Trianon cheia, repleta a Marques, o Bénard transbordando; só nos resta a Garrett... Temos que ancorar aqui, à espera duma mesa livre. Confesso que as minhas ideias democráticas não se coadunam com os bolos das leitarias... Nesse ponto, os princípios bolem-me inteiramente com o estômago. Ao comer a broa campestre, lembro-me tantas vezes, com uma saúde que vai quase até às lágrimas, dos bolos com «crème» Chantilly...

Urbano. — Bárbaro! que delícia os pãesinhos de milho, enfarinhados, cheirando a erva doce, ao saírem do forno, ainda a esquentar!...

Silvestre. — Que encanto, o chá das cinco, numa

chicara de casca d'ovo, num ambiente perfumado, com mulheres bonitas, com a alva torrada da Moagem, os pasteis minúsculos de mil folhas, onde o paladar encontra o sabor de vinte especiarias...

Urbano. — Atenção! vai vagar a mesinha do canto... Prepara-me êsses jarretes de caçador de lebres. Agora! Avança!

Silvestre. — Quem são estas duas lindas mulheres?

Urbano. — Não sei; mas repara no contraste dos tipos: uma, fina, ondulosa, lânguida, dum aveludado de fruto tenro; a outra, forte, duma esbelteza felina, um olhar e um piso de Diana, voluntariosa, avançando na alcatifa com o peito ovante da Vitória de Samotrácia... Não sei se me entendes, ó ingénuo filho das selvas!...

Silvestre. — Perverso!

Urbano. — Além, naquela mesa, com a farda branca do estio, Sacadura Cabral, numa disposição de espírito muito mais agradável que a que êle tinha uma hora antes de abordar os Rochedos. Poderia mostrar-te o *tout Lisbonne*. Banqueiros prósperos ou em falência, actores do dia, literatos mundanos, heróis de S. Bento, navegadores do Terreiro do Paço, mulheres da sociedade e da linha do horizonte, leões e liõesinhos da moda, vadios e farcistas que vivem da burla elegante, uns embriões prometedores de «rastaquouères»... Repara como tudo evolui e se desloca numa onda perfumada, sensual e tépida, uma névoa subtil — vapor do chá, fumo de cigarrilhas, musselinas transparentes que, sôbre as pômas, os braços e as espáduas das mulheres, lembram uma gaze de malhas frouxas, cobrindo frutos rescendentes. Ouves zumbir, partindo dos olhos acêsos dos homens, os desejos picantes como vêspas?...

Silvestre. — O meu isolamento na quinta traz-me muito arredado do «carnet» mundano. Suponho, entretanto, que a maior parte destas criaturas, antes da guerra, não tomavam chá às cinco horas, nem talvez a hora nenhuma... Tu costumavas dizer que a camada dos novos ricos é muito superficial, apenas um sintoma febril do desequilíbrio da sociedade. A agiotagem, o luxo provocante, o fausto improvisado, o estadão e palacetes dos novos ricos, as vivendas compradas aos antigos figurões arruinados, com mobiliário, tapetes, quadros, faianças, louças e roupas armoriadas, têm alaistrado de tal forma, que eu não sei, em boa verdade, Urbano amigo, se esse revirar do fundo do saco será apenas um sintoma e não implicará uma rede tão complicada e emaranhada de ligações e dependências, que envolva tôda a organização económica em que nos criámos e vivemos.

Urbano. — Ora!

Silvestre. — Será possível que tu, homem scéptico, tão encadeados tragas os olhos, no pó da Cidade, que não vejas o caminho que seguimos? Ainda esta manhã te estive citando factos pelos quais te provei que um ministro, e creio que já o é pela segunda vez, recebe gorgetas de conto, meio conto e dois contos, para facilidade das traficâncias. A corrupção, a mercancia das consciências, não são uma característica da República, nem mesmo das democracias. Abre-se, porém, a jaula a um grande carnívoro, com os dentes e as garras intactas, armam-no intelectualmente com uma besuntadela do «struggle for life» e gritam-lhe: «Rompe! fura! gosa!» De pouco vale, pelo menos agora, contrapôr-lhe os ideais de solidariedade e abnegação humanitária...

Urbano. — Êstes bolos com «crème» Chantilly são, na verdade, recomendáveis.

Silvestre. — ... Receio muito que os clamores sinceros dos intelectuais se percam na terra de ninguém, entre a direita fascista e a esquerda comunista. «Para onde vamos?» dizia já há quarenta anos Paulo Bourget, depois de ter dissecado psicologicamente o coração e o útero de várias condessas. Não tomas mais nada?

Urbano. — Essa pergunta te faço eu.

Silvestre. — Quem paga hoje sou eu.

Urbano. — Sou eu... Tal disputa faz-me lembrar uma semelhante, no elevador da Glória, com o Alfredo Mesquita, há um bom par de anos. Cada um de nós queria pagar o bilhete ao outro. Dizia êle que só os portugueses são capazes de levar estas primasias de gentileza a tais extremos de ferocidade.

Silvestre. — Deixa-me desembaraçar dêste masso de notas de dez tostões. Bons tempos em que jantávamos lautamente, no Tavares, por dez ou quinze mil reis. Paga-se mais, recebe-se mais... mas a libra, o franco e o dólar andam por alturas inatingíveis...

Urbano. — Que vago olhar errante, o teu! Procura alguém? uma mulher? vais lançar as imprecações de Pafnúcio, sôbre a devassidão de Alexandria? O «groom» está aí, há um rôr de tempo, com a tua bengala e o chapéu na mão...

Silvestre. — Talvez não andes longe da verdade. Quando saio daqui, hesito sempre entre ir bater à porta de Thaïs, a pedir-lhe umas horas de esquecimento, ou enterrar-me, para o resto da vida, numa cabana de grêda e colmo, no deserto.

(Exeunt.)

SIMPLICÍSSIMUS

Il. de José Tagarro.